

RHORMENS, Mariana Conde. **Processos de atuação na contemporaneidade - Mapiko: um mergulho.** Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Matteo Bonfitto: II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Campinas, Unicamp, 2014.

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma descrição narrativa da utilização das tradicionais máscaras de *Mapiko* em uma comemoração do feriado nacional do dia da Mulher Moçambicana (sete de abril) em Maputo – Moçambique. O artigo propõe um mergulho no universo onde tais máscaras são utilizadas analisando a dinâmica e fluidez da manifestação. Tal descrição é resultado do trabalho de campo realizado pela autora em 2014, com financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

**Palavras-chave:** *Mapiko*, máscara, Moçambique.

### ABSTRACT

The following essay presents a narrative description on the use of traditional *Mapiko*'s masks in a National Mozambican Women's Day celebration (on April 7th) in Maputo- Mozambique. The article proposes a plunge into the universe where these masks are worn, analysing its dynamic and fluidity. This description comes as a result of the fieldwork done by the author in 2014, with funding from FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

**Key-words:** *Mapiko*, mask, Mozambique.

O Mapiko é uma dança tradicional moçambicana realizada pelo povo Maconde. Ao ritmo da percussão e de cantos tradicionais a figura mascarada incorpora os espíritos de antepassados. O projeto 'Um olhar sobre as máscaras de Mapiko' procura olhar tal festividade moçambicana, sua teatralidade, o acontecimento espetacular e a performance do mascarado, com base no trabalho de campo da autora e de escritos de Jorge e Margot Dias. A seguir uma observação de tal festa será compartilhada.

Mãe moçambicana trabalha com as mãos no barro a fazer panelas e potes; com as mãos nas panelas a cozinhar; com as mãos nas *machambas*<sup>1</sup> a cultivar, semear e colher; com as mãos nos potes de água que coloca sobre a cabeça para levar à casa.

E a criança? Onde fica o pequeno filho? Sempre com ela. Carrega em suas costas, envolto na capulana<sup>2</sup>, seu filho que deita e dorme embalado pelos movimentos do trabalho das mãos maternas. E foi ali embalado, envolto às costas

de sua mãe que viu com olhos curiosos de bebê o que jamais seria apagado de suas retinas.

Rosto tatuado. Negro. Boca vermelha. Leve sorriso ou não. Às vezes parecia sério, às vezes parecia sorrir ou zangar-se rapidamente. Era um velho Maconde que vinha dançar. Abrindo o *Mapiko*<sup>3</sup> ele chegou. Amarrado com tecido preto nas pernas e braços, cordas com chocalhos de metal e correntes em volta do tronco. Levava um pano branco sobre o quadril e uma capulana colorida que unia o corpo à grande cabeça de madeira: a máscara. A máscara e o corpo em um só ser: *Lipiko*<sup>4</sup>.



Foto da autora: Aldeia Umbeluze, Moçambique. Maio de 2014

Era uma festa tradicional. A cultura de seu povo trazida de épocas remotas, épocas que se perderam no passado distante daquele dia. Era uma grande festa.

É dado o dia do encontro. É dado o local. Chão de terra. Sombra de grandes mangueiras. Casas. Vizinhança. No mato os *Mapiko* se preparam para amarração. Mistério. Segredos. Quem está se vestindo? Como se amarram os tecidos? Como se veste a máscara? Quais máscaras vão usar? Muitos mistérios passando por detrás das árvores onde só alguns homens e meninos podem atravessar. Passam um bom tempo lá dentro se preparando, cerca de uma hora e meia a duas horas. Amarram todos os tecidos e adereços. Um ritual de amarração. Um segredo que não pode ser revelado. Vestem a máscara. Essa é a preparação para a dança.<sup>5</sup>

Do lado de fora do mato pessoas vão chegando. Entre elas a mãe que carrega seu bebê nas costas. Faz-se um fogo ao lado onde aquecem os tambores. Vão testando suas afinações. O som dos batuques ainda sem ordem preenche a sombra das mangueiras onde pessoas limpam o espaço, varrendo com gravetos retiram-se as folhas caídas da mangueira, deixando livre o espaço da dança.

Batuques afinados, espaço limpo, tudo pronto. Colocam os batuques em posição. Posicionam-se como uma banca olhando para o espaço que será o local da dança. Começam os batuques agudos. O som é forte e bem intenso. Algo começa a acontecer. Homens e mulheres juntam-se em frente à banca de batuques formando um corredor. Cantam e dançam juntos passos simples. Cantam alto uma música em Shimakonde para chamar as pessoas avisando que o *Mapiko* começou. A mãe com o menino pendurado em suas costas já está lá. Pessoas vão chegando e o espaço começa a se organizar formando um círculo, considerando a banca de músicos, com uma abertura para o *Mapiko* entrar do lado oposto aos músicos. Do mato aparece uma figura. Lá está ele.

O pequeno menino olha com olhos curiosos de criança. É um *Lipiko*. Sorri enquanto balança na capulana da mãe que dança e canta com o coro. O *Lipiko* vem acompanhado de crianças (meninos). Chega perto do espaço já delimitado pelo público e começa a dançar, seguindo o ritmo do batuque maior que começa a tocar junto com os menores e mais agudos que já davam o andamento.



Foto da autora: Aldeia Umbeluze, Moçambique. Maio de 2014

Uma mistura de batuque, coro cantando, pessoas chegando, pessoas encontrando um bom lugar para assistir, e todos com atenção no *Lipiko* a dançar. As pessoas estão ansiosas para a sua dança, como que torcendo para ele. Ele dança. Os pés batem tão rapidamente na terra avermelhada que um pouco de terra sobe. A luz do sol ainda presente reflete em cada porção de terra jogada aos ares pela dança frenética dos pés. Pés descalços com um tecido em cima (sob o peito do pé). O tecido vem de suas pernas longas e finas amarradas com pano preto. Realiza passos precisos junto ao toque dos tambores. Dança.

Um pilão, uma pequena cesta de palha, um graveto. No meio da dança prepara a terra, distribui sementes imaginárias trazidas na cesta de palha. Todos acompanham o tempo passar enquanto o *Lipiko* dança passos codificados vindos com a tradição do passado para os pés daquele bailarino. Então colhe os alimentos que brotaram do chão. Carrega terra, mas todos sabem que aqueles são frutos da sua boa colheita. Coloca-os no pilão e pila. Ora repete as ações exatamente como as mulheres ao pilar, ora pila dançando, simbolicamente. Gestos miméticos, gestos simbólicos. Pega a terra pilada e oferece ao público. O *Lipiko* está presente, se faz presente. É o velho que representa, está com o toque do batuque, com a música cantada e com o público ao seu redor.

Um homem se destaca do coletivo. Abre espaço para o passo final do *Lipiko*. O velho que dança realiza um passo onde parece flutuar ao som do batuque. Andando de costas muito rápido levanta muita terra do chão. Encerrado o passo, volta para o mato sumindo entre folhas, galhos e sombras. Desaparece aos olhos do menino que o acompanha até suas vistas não alçarem.

Uma pausa. O espaço da dança já não existe. Em um piscar de olhos o que era cena vira novamente uma rua, um espaço amplo. Crianças a brincar pelo espaço, pessoas a andar e passar. A banca de músicos é retirada do local, pois vão todos ao pequeno fogo aquecer os tambores. Quase já não se reconhece o local onde a dança acontecia.

O espaço vai se adaptando à necessidade. Fecha-se um círculo quando o *Lipiko* dança no centro. Forma-se um corredor quando precisa fazer um passo mais extenso. O coro canta e dança abrindo e fechando o espaço. As pessoas se ajeitam como podem para ver melhor a performance do mascarado. Crianças sobem nas

mangueiras para conseguir assistir bem. O círculo se desfaz quando o *Lipiko* sai. Crianças brincam pelo espaço aberto, antes espaço de dança, durante os curtos intervalos entre uma dança e outra. O espaço é vivo, fluído. O menino acompanha todo o movimento enquanto sua mãe e seu pai conversam e riem com familiares e amigos.

Durante a festa, aptidões surgem espontaneamente. Um garoto pega um tambor, outro retira as pessoas do caminho, outros imitam passos da dança do mascarado e alguns cantam e dançam com o coro. Sem perceber cada criança vai aprendendo uma função dentro da tradição.

Aquecidos os tambores, novamente se posicionam formando a banca de músicos. Começam as batidas dos mais agudos. Um recomeço com intensidade. O som agudo a ecoar por todo o espaço. Das sombras secretas do mato sai o mascarado.

Desta vez uma mulher. “É *Mapiko* mulher! É *Mapiko* mulher!” Ouve-se pelos lados. Ela aparece com cabelos curtos e com lacinhos coloridos presos em vários locais da cabeça. Negra. Boca vermelha. Dentro de toda vestimenta e máscara continua a ser um homem a dançar, mas representa uma mulher, a Mulher Moçambicana. Chega e o espaço se organiza como num piscar de olhos. O coro de vozes junta-se formando o corredor do lado oposto a banca dos músicos. A Mulher Moçambicana se põe a dançar. O menino é embalado pela dança de outra mulher moçambicana. A mulher que o carrega. A mulher mãe que canta e dança participando da festa. O menino adormece no balanço e ao som dos batuques. Adormece e sonha com imagens de criança. Retratos são retidos em suas jovens retinas. Fragmentos de imagens e sensações. Tradição.



Foto da autora: Maputo, Moçambique. Abril de 2014.

### Referências Bibliográficas:

DIAS, Jorge. Os Macondes de Moçambique III Vida Social e Ritual. Lisboa: Bertrand Irmãos, Lda, 1964.

---

<sup>1</sup>*Machamba* é um terreno agrícola para produção familiar.

<sup>2</sup>*Capulana* é o tecido tradicional em Moçambique usado para diversas utilidades como roupas, carregar objetos ou mesmo os bebês.

<sup>3</sup>*Mapiko* em Shimakonde significa mascaramento ou mudança de forma.

<sup>4</sup>*Lipiko* é o singular de *Mapiko*.

<sup>5</sup>A preparação no dia consiste no ritual de amarração (vestir o mascarado).